

DISCURSO DO 25 DE ABRIL DE 2015

Exma. Sra. Presidente da Assembleia Municipal de Peniche

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Peniche

Exmos. Vereadores e deputados da Assembleia Municipal

Digníssimas entidades

Caros representantes da Comunicação Social

Caras amigas e caros amigos

Já vai longe no tempo esse dia que nos acordou a esperança, quando um punhado de capitães encheram as ruas de liberdade a que os cravos emprestaram o simbolismo da luta de muitos que nunca calaram a sua voz em nome da liberdade. Foi uma revolução diferente, onde as flores substituíram as balas. Foi, nas palavras de Sophia de Melo Breyner,

Como casa limpa
Como chão varrido
Como porta aberta

Como puro início
Como tempo novo
Sem mancha nem vício

Como a voz do mar
Interior de um povo

Como página em branco
Onde o poema emerge

Como arquitectura
Do homem que ergue
Sua habitação

Mais grave do que estarmos longe no tempo, é estarmos demasiado longe na memória. E parece haver por aí muita gente que quer reduzir o 25 de

Abril a um evento histórico, que fique muito arrumadinho nos manuais escolares. Esquecem-se até que este foi o dia que nos devolveu a esperança e a liberdade, que nos mostrou que, afinal, havia um futuro que nos queriam esconder. Há até quem queira branquear o passado de obscurantismo e opressão que preencheu os quarenta e oito anos anteriores a essa madrugada clara que tudo mudou.

Vale por isso a pena lembrarmos esse reino à beira mal plantado, que José Cardoso Pires caricaturou em 1973, num livro ilusoriamente para crianças que falava do país dos mexilhões, governado por um dinossauro onde rapidamente se descobria o país que éramos. E narrava o escritor:

“ De facto, não há muito tempo, existiu no Reino do Mexilhão um imperador que, na ânsia de purificar as palavras acabou por ficar entrevado na paralisia da mentira. E não é homem nem estátua, porque a esse sim roubaram-lhe a morte. Não faz parte deste nosso mundo nem daquele para onde costumam ir os cadáveres, embora cheire terrivelmente. Quando muito é isso, um cheiro. Um fio de peste a alastrar por todas as vilas do império”

É o mesmo cheiro que de vez em quando sentimos, quando nos querem negar Abril e o significado que teve. Mas voltemos ao tal reino que existiu até à 41 anos atrás e poderíamos começar com Ary:

Era uma vez um país

Onde entre o mar e a guerra

Vivia o mais infeliz

Dos povos à beira terra.

Éramos um país triste e cinzento, com passado mas sem futuro, com crianças sujas e com fome a sobreviver em bairros negros de uma miséria que o Estado Novo glorificava. O Zeca cantou-os lembram-se?

Menino sem Condição

Irmão de todos os nus

Tira os olhos do chão

Vem ver a luz.

Hoje os meninos já não moram nos tais bairros negros que se tornaram cinzentos e vão à escola. Mas a fome voltou e as cantinas sociais disfarçam famílias sem emprego e sem esperança. Não sei porquê, mas sinto o tal cheiro de que falava o Zé Cardoso Pires.

Nesse tal reino, não tão distante assim, não havia pão nem emprego e os homens, jovens e menos jovens, partiam aos magotes, com uma mala de cartão cheia de coisa nenhuma, para engrossar os bidonville de Paris e trabalhar como escravos para amealhar uns tostões. Na alma a profunda tristeza de ser obrigado a partir. Cantava o Adriano

Parte de noite e não olha
Os campos que vai deixar
Todo por dentro a abanar
Como a terra em Agadir,
folha a folha se desfolha
Seu coração ao partir

Hoje já não se usam malas de cartão, substituídas por malas de viagem fabricadas na china ou mochilas, mas os jovens são obrigados a correr atrás da esperança e do futuro noutros lugares, por ordem de fmi's e bancos centrais europeus. Outra vez o tal cheiro que incomoda e que talvez ajude a compreender o desespero e a revolta patentes numa canção dos Deolinda:

Que parva que eu sou!
E fico a pensar,
Que mundo tão parvo
Que para ser escravo é preciso estudar.

Os jovens que ficavam no tal reino dos mexilhões, também já sabiam o que os esperava: uma guerra fratricida, em nome de desígnios de um império que a modernidade há muito aconselhava a desmontar. Muitos

foram os que não regressaram e muitos também os que nunca conseguiram esquecer. Joaquim Namorado escreveu sobre eles:

Não falavas da guerra como de coisa tua,
nem a espingarda encontrou em tuas mãos seu lugar próprio
Soldado sem ódio, não estiveste presente em tua morte
E aqueles que hoje partem para a mesma guerra
Levam o teu nome escrito e outros nomes
Nas pétalas de espanto que os ocupam.

O tal reino que vos recordo era um reino de charlatães e de vampiros. Os charlatães, sempre muito bem aconchegados no poder do partido único, enriqueciam com a miséria do povo:

Na ruela de má fama
Faz negócio o charlatão
Vende perfumes de lama
Anéis de ouro a um tostão
Enriquece o charlatão.

Enquanto isso, nas esquinas das ruas ou mesmo na intimidade de amigos e colegas, os bufos espreitavam a oportunidade de denunciar à Pide/dgs quem ousasse erguer a voz contra o regime. E as prisões portuguesas, entre as quais a que funcionava nesta casa, escondem histórias de tortura e de resistência que, em nome da liberdade, não podemos esquecer nem calar.

Hoje, não temos prisões políticas mas os charlatães andam por aí, só que travestidos de banqueiros, diretores gerais ou até políticos oportunistas, que, sem escrúpulos, usam a porta entreaberta da democracia para subir na vida. E os vampiros também andam por aí, às vezes mascarados com siglas como o fmi ou bce, mas sempre prontas a sugar tudo o que sejam direitos de trabalhadores.

Quarenta e um anos depois do 25 de Abril, a democracia tem sido muito maltratada, com o compadrio e a corrupção a passearem por aí, com uma

impunidade que assusta. A culpa não é obviamente do regime democrático, mas sim dos oportunistas e malabaristas que ele gera.

A democracia não alimentou só o sonho e a esperança: deu também guarida a muitos malabaristas e oportunistas, que, tal como os vampiros do Zeca, ficaram à espera da sua oportunidade. E foram-se instalando, devagarinho, no regaço rechonchudo do poder, até nos irem, também devagarinho primeiro, mas depois descaradamente, muito daquilo que Abril nos prometeu. Pouco a pouco, a educação e a saúde vão voltando a ser só para alguns, os salários e garantias dos trabalhadores vão sendo cada vez mais minguados e as casas que foram objetivo de vida de algumas famílias, são devolvidas aos bancos, por falta de condições de pagamento.

Razão tem o Casimiro, cantado pelo Sérgio Godinho:

Ficava de olho aberto
via as coisas de perto
que é uma maneira de melhor pensar
via o que estava mal
e como é natural
tentava sempre não se deixar enganar
(e dizia ele com os seus botões:)

Cuidado, Casimiro
cuidado com as imitações
Cuidado, minha gente
Cuidado justamente com as imitações

Com tanto desencanto, perguntar-se-ão se valeu a pena 0 25 de Abril. Claro que sim. A esperança e a liberdade que nos foi devolvida, ninguém nos pode tirar. Claro que a liberdade não se esgota no facto de podermos dizer o que queremos. Falta o pão, a saúde, a educação, a habitação. Falta pôr as pessoas primeiro e os interesses do capital depois.

Mas podemos fazer escolhas, desde que há exatamente quarenta anos dissemos quem queríamos que participasse na elaboração da nossa

Constituição, que apesar de muito maltratada, continua a ser um pilar na defesa da nossa identidade democrática.

Foi a esse entusiasmo que fui buscar a minha forma de entender e estar no municipalismo, afinal a razão de ser de estar hoje e aqui. As autarquias foram e são uma das expressões mais eloquentes da democracia, pela proximidade que têm com as populações, pelo desenvolvimento que levaram aos territórios, pela qualidade de vida que garantiram no campo e na cidade, no literal e no interior. Num tempo em que as autarquias foram objecto de uma campanha sem precedentes contra a sua imagem e dos autarcas que lhe dão corpo, em que cada vez se retira mais a capacidade de intervenção, por via da diminuição de fluxos financeiros e da delegação de competências sem as correspondentes contrapartidas financeiras. Por muito que as queiram denegrir, boa parte das conquistas de desenvolvimento e promoção da qualidade de vida, deve-se ao trabalho das autarquias, como aliás se prova à colação quando olhamos para o nosso território e para aquilo que tem sido o desenvolvimento evidente, económico e social, a que assistimos nos últimos anos. Quero por isso, envolver num abraço solidário, todos os homens e mulheres que, nos diferentes órgãos autárquicos, dão sentido ao viver democrático que Abril nos legou.

Como sempre faço, guardei aqui um lugar especial para a memória. Como dizia o grande poeta Pessoa, *a memória é a consciência inserida no tempo*. Nestes quarenta anos fui aprendendo muito daquilo que hoje entendo por democracia, com gente de pensamentos distintos, ideologicamente mais próximos ou mais distantes de mim. Gente que, como eu, soube ler de Abril, a missão solidária que cabe a todos quantos acreditam que é a liberdade e a solidariedade que marcam o tempo democrático. Homens como o Belmiro Alves, o Zé Padeiro ou o meu sempre presente amigo Aleixo Brás, uma das pessoas mais generosas com que me cruzei nestas coisas da política. Autarcas como o Júlio Alberto Correia, o Luís Leonardo, o Dionísio Costa, o Abel Campos, o Franco Pinto, o Ilídio de Abreu, António Costa, o Evaristo Cavalheiro, a D. Rute Gonçalves a Rosa Caneira. Cidadãos como Alves Seara, Diogo Mamede, Monsenhor Manuel Bastos, apenas para lembrar alguns dos muitos que mereceriam ser aqui citados.

Como dizia Jules Renard O homem livre é aquele que não receia ir até ao fim da sua razão. Peniche é uma terra de solidariedade e de trabalho que queremos ainda mais desenvolvida e próspera. É uma terra com gente que sabe que a liberdade é a essência da democracia. Por isso, numa altura em que é legítimo preocuparmo-nos com quem quer fazer da democracia um painel decorativo inconsequente, saibamos ter a a atitude que nos juntou quando Timor chamou nos chamou: em nome de Abril, se outros calam, cantemos nós. Saibamos nós erguer bem alto o espírito de Abril e fazer da liberdade a primeira das condições de cidadania.

Termino com palavras de Manuel da Fonseca:

Acorda, amigo,
liberta-te dessa paz podre de milagre
que existe
apenas na tua imaginação.
Abre os olhos e olha,
abre os braços e luta!
Amigo,
antes da morte vir
nasce de vez para a vida.

VIVA A DEMOCRACIA

VIVA A LIBERDADE

VIVA O 25 DE ABRIL